



**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

Cartas narrativas como dispositivo de formação docente: diálogos e deleite com emoção

Narrative letters as a teacher training device: dialogues and delight with emotion

Joelson de Sousa Morais
João Rudá Meneses Macedo
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Codó-MA/Brasil

Resumo

O texto tem como objetivo analisar o uso da carta, como gênero textual de tipo narrativo, na construção de saberes e processos formativos de dois docentes universitários, a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa narrativa em educação. Quanto aos dispositivos metodológicos, foram utilizados: escrita narrativa e conversas, por meio de cartas, que foram compartilhadas pelo *WhatsApp* dos dois professores do Ensino Superior, participantes da pesquisa, em situação dialógica, tematizando a formação de professores e outros entrelaçamentos entre vida, pesquisa e formação. Como resultados, foi possível depreender que as cartas podem ser meios privilegiados de tomadas de consciência de si e do outro, como do mundo à sua volta e dos acontecimentos trilhados pelas pessoas, singularmente, em seus percursos existenciais, dando materialidade às experiências do vivido.

Palavras-chaves: Cartas; Escrita Narrativa; Formação de Professores.

Abstract

This text aims to analyze the use of letters as a narrative genre in the construction of knowledge and training processes of two university professors, based on a qualitative approach to narrative research in education. The study was woven into the qualitative approach of narrative research in education, emphasizing the component of subjectivity. The methodological devices used were narrative writing and conversations through letters, which were shared via *WhatsApp* between the two higher education professors participating in the study, in a dialogic situation addressing teacher education and other interconnections between life, research, and education. The results revealed that letters can be privileged means of becoming aware of oneself and others, as well as of the world around oneself and the events each person experiences in their existential journeys, giving materiality to lived experiences.

Keywords: Letters; Narrative Writing; Teacher Education.

Introdução

Em um mundo que vem se intensificando, cada vez mais, pelas práticas de vida, trabalho, e profissão, narrar as experiências do vivido pode ser um meio potente e privilegiado de transformação da humanidade com uma melhor sensibilidade, encanto e emoção; além de viabilizar possibilidades outras de aprendizagem, construção de conhecimentos e formação.

Ao pensar por esse viés, acima explicitado, que alia o sensível, o afeto, o saber que se tece e a aprendizagem construída em partilha, no coletivo, mediatizado pela memória, experiência e narração de histórias dos sujeitos, fruto dos seus contextos vividos e trilhados, ao longo das suas trajetórias de vida, formação e profissão, estamos nos contrapondo ao tempo cronológico do aligeiramento da existência humana, que se amplifica, desenfreadamente, pelo capitalismo global, que busca rentabilizar a vida e todas as suas nuances, sem espaço para o parar, pensar e fazer com as miudezas existentes, os cotidianos vividos tais e quais se apresentam e temos ao nosso dispor, e, muito menos, os modos de se deixar afetar pelo que acontece.

E, nesse movimento de viver o cotidiano, fazendo o que o sistema capitalista nos impõe, e não o que pensamos, queremos e sentimos, acaba por nos roubar o sentido da vida, da subjetividade e das riquezas e encantamentos que se poderiam gerar, com uma maior sutileza, deleite, potência e afetação.

Refletir por esses territórios do sentir, afetar-se e viver as emoções que a vida e os processos formativos nos desencadeiam, nos leva a invocar o pensamento de Walter Benjamin (2012), que advoga um modo de viver mais sensível, regado a sentimentos e saberes que sejam tecidos, cotidianamente, pelos sujeitos em seus meios socioculturais, com a capacidade de valorização dos modos de narrar a experiência vivida pelo fio da memória, sensibilidade e narração de histórias com emoção.

De igual modo, Jorge Larrosa (2022), nos provoca a perceber e dar sentido ao modo como a experiência nos acontece e de como a respondemos, sentimos e nos deixamos afetar em sua pluralidade de acontecimentos, e nos atravessamentos que são capazes de suscitar em nosso ser, pensar, viver, fazer e estar.

E não há como falar em sensibilidade e afetos, sem trazer o pensamento tão caro e crucial de Spinoza (2020, p. 99), o qual enfatiza que “o corpo humano pode ser afetado de

muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor”. Por isso, o que pensamos, sabemos e fazemos e o modo como mobilizamos o corpo, a mente e o espírito em nossas ações cotidianas, fruto dessas dimensões, e, sobretudo, em relações estabelecidas com outras pessoas, acontecimentos, objetos e envolvimento diversos, podem nos afetar de alguma forma, bem como podemos influenciar e afetar o que está externo a nós. Depende muito da maneira como recebemos o motor de força que nos move e atravessa, ou a intensidade com o que provocamos, à nossa volta, com quem ou com o que nos circunda.

É por esses múltiplos acontecimentos que situamos a proposta deste texto, em que se utilizou de cartas narrativas e conversas, para dizer de si, mas também do que cada pessoa sentiu, pensou, viveu ou se deixou afetar em trocas recíprocas no contexto da formação de professores, dentro e fora da universidade.

Neste artigo, apresentamos o diálogo entre dois docentes do Ensino Superior, por meio de cartas, conversas e mensagens que foram tecidas, durante seus encontros formativos na universidade, e, em sua rede social pessoal do *WhatsApp*¹, na composição de saberes que se entrelaçaram em uma diversidade de temas, que foram mobilizada, inicialmente, por discussões sobre a escrita do texto de Tese de Doutorado em Educação de cada um que foi lido e refletido por ambos e comentado entre si em diferentes momentos das suas conversas estabelecidas.

Partimos da seguinte questão problematizadora neste texto: que implicações formadoras, sensíveis e com a capacidade de afetação são possíveis de provocar, por meio de cartas escritas narrativamente entre docentes no contexto universitário?

A base teórico-epistemológica deste escrito se pauta pelos princípios da abordagem da pesquisa narrativa à luz de Marie-Christine Josso; Maria da Conceição Passeggi; Inês Bragança; Walter Benjamin; Paul Ricoeur; Wilhelm Dilthey; Jorge Larrosa; entre outros.

O texto tem como objetivos compreender a carta, como gênero narrativo, na construção de saberes, conhecimentos e processos formativos na docência universitária, bem como refletir acerca das contribuições das cartas narrativas, no processo de formação de professores, com o componente da emoção, sensibilidade e afetação.

A proposição que tematiza este texto, no título, é, justamente, empreender uma ousada aventura de dar a ver os imbricamentos e modos diversos de afetações que são

possíveis de provocar pela escrita de cartas entre docentes na educação universitária no contexto da formação de professores, à luz da tessitura narrativa, e, assim, a ideia do deleite, como emoção, se configura como uma entrega e uma disposição de si com o outro em que efetua-se nas relações humanas e podem ser mobilizados um conjunto de fatores que entrecorta o sujeito no plano das emoções, sensibilidades e afetações de diversas ordens, com diferentes intensidades e com a possibilidade de reinvenções de si, com a tomada de consciência das histórias e memórias compartilhadas de si, do outro, do mundo e dos contextos que vivem, e oriundo dos acontecimentos que lhes atravessam. É sobre esses fios e reflexões que o texto se propõe e que serão discutidos a seguir.

Sobre os modos de saber-fazer metodológico da pesquisa

O texto em pauta foi tecido na abordagem qualitativa de pesquisa narrativa em educação, primando pelo componente da subjetividade com o qual é possível revelar riqueza e potencialidade, à luz da dimensão interpretativa das experiências humanas vividas, no cotidiano, pelas pessoas envolvidas em seus contextos dos quais participam.

Dilthey (2010) faz uma defesa, exatamente, das ciências humanas, pelo fato de serem tecidas como uma epistemologia de formação que se nutre pela reflexão do ser humano sobre si próprio, no bojo de uma empreitada mobilizada pelo sujeito na consciência do significado da vida no interior das suas vivências, e sob a qual se assenta a construção de significação, valor e finalidade, e que determina, sobremaneira, o trabalho científico.

Cabe salientar que a pesquisa narrativa é “feita de miúdos e fragmentos do cotidiano que despertam mentes e corpos, capturam a atenção e produzem um conjunto de emocionalidades que são transbordantes e implicadoras de (trans)formações” (Moraes, 2025, p. 2). E, em se tratando, particularmente, deste trabalho, diz respeito à narrativa de formação, produzida em diálogo com dois professores universitários, os quais apresentam, em sua escrita narrativa, modos diversos de se implicar pela memória, mobilizadora de afetos, emoções e sensibilidades.

As pesquisas que se assentam no âmbito das abordagens narrativas e autobiográficas, se tecem em uma epistemologia formadora, plural e promissora, que se nutrem pela subjetividade humana, e advogam a indissociabilidade entre pesquisa, vida e formação, e se retroalimentam na produção de uma ciência que se pauta nas experiências do vivido.

As pesquisas narrativas e autobiográficas são abordagens que se tecem nas ciências da vida, que valorizam a subjetividade e que potencializam o que pensam, sabem e fazem os sujeitos, em seus cotidianos, trazendo-lhes luz às descobertas de si e aos seus modos diversos que os fazem ser, pensar, viver e fazer o que estão empreendendo em sua escala temporal, existencial, contextual, sociocultural e histórica.

Esse tipo de pesquisa, portanto, se tece em uma epistemologia do sensível com a configuração de experiências instituintes de formação que aliam dimensões que atravessam e afetam os sujeitos, possibilitando reinvenções de si, e de si com o outro, o que lhe acontece e, que acaba modificando o mundo à sua volta (Bragança, 2012).

Nesse sentido, convém endossar as perspectivas pelas quais são possíveis de se descortinar no campo narrativo com a dimensão da formação, tendo em vista que:

[...] o trabalho biográfico faz parte do processo de formação; ele dá sentido, ajuda-nos a descobrir a origem daquilo que somos hoje. É uma experiência formadora que tem lugar na continuidade do questionamento sobre nós mesmos e de nossas relações com o meio (Josso, 2010, p. 159).

Assim, ao narrar algum acontecido vivido por si, o sujeito acaba de alguma maneira se transformando e passando por processos de formação que são desencadeados pela reflexividade e aprendizagem da experiência narrada, modificando suas estruturas de pensamento e tomando consciência dos fatos rememorados pelos fios narrativos.

E, é por isso, e como bem defende Conceição Passeggi (2021), que uma das grandes inquietações dessas abordagens, como uma ação de linguagem na tessitura de uma consciência história do sujeito, gera sempre versões provisórias de si, e vai se tecendo em uma escalada de dar sentido à vida, reinventar a percepção de si, bem como do outro e do mundo, assim como do que é ou do que poderia ter sido, no entrelaçamento entre as temporalidades do passado, presente e futuro.

Quanto aos dispositivos metodológicos utilizados na pesquisa, se deram na composição de: escrita narrativa, por meio de cartas, conversas e mensagens, que foram compartilhadas pelo *WhatsApp* dos dois participantes da pesquisa.

As cartas narrativas, conversas e mensagens ocorreram e foram compartilhadas em diferentes momentos pelo *WhatsApp* pessoal dos participantes, entre os meses de abril a agosto de 2025. E, para disparar as narrativas, nesse meio, foi impulsionado por uma primeira conversa pessoal, de modo presencial, entre os docentes.

Os participantes da pesquisa foram dois professores do Ensino Superior, pedagogos, que atuam na docência do curso de Pedagogia no Centro de Ciências de Codó (CCCCO), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Os dois docentes são do sexo masculino.

Nesse estudo, utilizaremos os pseudônimos das pessoas participantes da pesquisa que, aqui, trazemos, que foram autorizadas por elas mesmas de forma oral e por escrito. São, assim, nominados: Eurico e Orion. Estes nomes foram escolhidos por carregarem, em sua sonoridade e significado simbólico, a essência do ato de narrar-se em carta. **Orion**, inspirado no caçador mitológico que foi eternizado, como constelação, representa aquele que busca, nas memórias e experiências, o fio condutor para tecer histórias, mirando as palavras como estrelas que iluminam sentidos ocultos da existência. Por sua vez, **Eurico**, nome de origem clássica, evoca a imagem do narrador de epopeias cotidianas, alguém que escreve, a partir das experiências da vida.

Sobre o perfil formativo e profissional dos docentes participantes deste estudo: Eurico, é Doutor em Educação e Pedagogo, Professor Adjunto A, no curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó, e atua na docência do Ensino Superior, desde o ano de 2012, perfazendo atualmente, o total de quatorze anos. Quanto ao professor Orion, é Doutor em Educação e Pedagogo, Professor Adjunto do curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó-MA e atua na docência do Ensino Superior, desde o ano de 2014.

Esse estudo, com o uso, sobretudo, das cartas narrativas entre os docentes, teve início, primeiramente, por meio de conversas pessoais entre ambos, durante um encontro de formação entre professores(as) e discentes do curso de Pedagogia da UFMA de Codó, em abril de 2025, ao falarem, entre si, sobre as suas propostas de pesquisa de Doutorado em Educação, as quais se muniram no âmbito de uma abordagem narrativa autobiográfica. Esse momento inicial, disparou memórias, histórias e narrativas, que foram impulsionando reflexões outras entre os docentes, que passaram a tecer outras discussões, por meio de conversas, tanto pessoalmente, no presencial, quanto pela rede social do *WhatsApp*.

Nesse movimento, entre conversar e narrar, ao mesmo tempo, foi que surgiu a ideia de criar uma carta para que, ambos os docentes, pudessem expressar de uma maneira mais palpável e consistente, como cada um estava interpretando, entendendo e compreendendo as ideias e reflexões da tese doutoral, do outro. E assim, surgiu a carta, que fora enviada, inicialmente, pelo professor Eurico ao professor Orion, o qual retornou com outra, como

forma de ampliar diálogos em uma ação recíproca, constituída de afetos, sensibilidade e emoção.

No processo de interpretação e compreensão das fontes narrativas de pesquisa, que foram as cartas compartilhadas entre os docentes, primamos pelo uso da hermenêutica da narratividade e temporalidade, em Paul Ricoeur e Dilthey, para apreender os sentidos e atribuir significações acerca da realidade retratada na escrita de cada um.

É válido salientar, que, no âmbito da hermenêutica, como um processo interpretativo e compreensivo, utilizado na esfera das ciências humanas, “a compreensão repousa sobre o fato de justamente o que passou ser retido na memória e entrar na intuição do elemento seguinte” (Dilthey, 2010, p. 208). E, por isso, convém mencionar que “a compreensão – mesmo a compreensão de um outro singular na vida cotidiana – nunca é uma intuição direta e sim uma reconstrução” (Ricoeur, 2010, p. 161). Esse processo implica viver uma dada realidade, pensar sobre ela e materializá-la de alguma forma em um plano concreto, que, no caso deste trabalho, se personificou em uma escrita narrativa, por meio da carta em diálogo com dois professores.

O texto como suporte que revela as experiências vividas pelas pessoas em situação dialógica, no caso da escrita narrativa das cartas, representa o meio privilegiado, por intermédio do qual o processo de interpretação e compreensão da realidade se dá, de um autor ao leitor que se apropria do que foi narrado, empreende um movimento de entender o que foi escrito, e amplia seu horizonte de reflexões, atribuindo outros tantos sentidos e significados, mediante sua interpretação, que é pessoal, subjetiva e intransferível.

Na linguagem expressa pela escrita narrativa, portanto, descortina-se um mundo de possibilidades de ser, pensar, fazer e saber que são reveladas pelos sujeitos em suas experiências de vida, pesquisa, aprendizagem e formação que dão materialidade à sua realidade, e a um conjunto significativo de compreensões e interpretações que os interlocutores recebem ou produzem acerca dos diferentes modos de como se apropriam da experiência narrada do outro, atribuindo múltiplos outros significados e entendimentos, que dão muito mais sentido às histórias e memórias contadas na narração.

Cada experiência narrada é singular, possibilita um universo complexo e multifacetado de entendimentos e interpretações e provoca diversos estados de ser, pensar, sentir e compreender o que foi narrado, mas também de se ver, por meio de várias camadas. Eis o

que torna o dispositivo metodológico das narrativas uma aposta pedagógica, científica e formadora com grande potencial de humanização, como de construção de conhecimentos, aprendizagens e formação.

O poder da carta como escrita narrativa (trans)formadora

A escrita epistolar, produzida por meio de cartas, permite revelar um conjunto significativo de modos de expressão do vivido com uma maior sensibilidade, entrega de si e aspectos potentes e sensíveis que, por meio de outros artefatos não seriam possíveis.

No contexto da pesquisa e formação de professores, como a que se apresenta neste texto, em se tratando do Ensino Superior, o uso de carta com esse teor de ser narrativo pode ser significativo para a construção de outros referenciais de formação, aprendizagem e conhecimentos que se ampliam para além dos aspectos cognitivos, trazendo o lado pessoal em que o sujeito revela acerca do que pensa, entende e interpreta de si, da sua realidade e o que faz durante os percursos formativos.

Utilizar cartas, como dispositivo de formação docente em diálogo com professores no âmbito universitário, representa um achado riquíssimo e divisor de águas para quem partilha os processos interpretativos e compreensivos de uma determinada realidade na escrita epistolar. Além do mais, narrar as experiências do vivido com o gênero cartas sinaliza a construção de inúmeras possibilidades de autoformação e reinvenção de si, em que emerge, na linguagem, a tessitura do sujeito histórico-social pelas suas memórias e narração de histórias ao longo do tempo.

A carta do professor Eurico foi construída por múltiplos fios narrativos, que se articularam em processos formativos, afetos e interpretações múltiplas, que se deram entre ler a tese de Doutorado em Educação do professor Orion, e perceber outros tantos modos de tocar, sentir e se perceber, nesse movimento da vida, pesquisa e formação enredado e em partilha. Conforme pontua em sua escrita, que apresentamos abaixo:

Querido Orion,

Leio sua tese como quem acompanha um fio que se estende do coração à palavra. Me vi atravessado por emoções, memórias, reflexões e, sobretudo, por uma profunda admiração pelo modo como você escreveu e se escreveu nesse trabalho. Sua tese não apenas nos apresenta um percurso acadêmico, mas nos convida a caminhar por ele, a sentir junto, a pensar com você — e isso, para mim, é o que há de mais bonito na pesquisa formação.

Confesso que me demorei nas suas palavras como quem repousa num lugar fértil. A metáfora dos fios e tramas me tocou profundamente, pois há algo em sua escrita que é feito de costura viva: entre a vida e a teoria, entre a docência

e a escuta, entre a experiência e a linguagem. Você nos mostra que a pesquisa, quando nasce da vida e da partilha, pode mesmo transformar.

Mas o que mais me marcou — e é sobre isso que te escrevo especialmente — foi sua proposição sobre a tridimensionalidade do ser docente: professor, pesquisador e narrador. Essa composição não é apenas uma definição conceitual, mas uma posição ética, política e sensível diante do mundo. E talvez seja também um gesto de resistência.

Professor, no sentido de alguém que não apenas ensina, mas que se afeta, que se compromete com as infâncias, com as juventudes, com os encontros cotidianos. Pesquisador, como quem se debruça sobre a realidade com fome de compreender, mas também de transformar. E narrador — ah, essa dimensão tão potente — como aquele que não teme dizer de si, que se reconhece sujeito da própria formação e construtor de sentidos a partir da palavra.

Te ler foi como me reconhecer em pedaços que também me habitam. Eu, que me fiz na encruzilhada da sala de aula com a escrita, encontrei nas suas palavras uma espécie de espelho, mas não um espelho plano — um espelho fundo, com bordas feitas de afetos e perguntas.

A tridimensionalidade que você nos propõe rompe com as dicotomias que tanto empobrecem a formação docente. Ela nos autoriza a viver a profissão como travessia complexa, como corpo que pensa, sente e escreve. Como homem trans, professor e pesquisador, sinto que sua tese me acolhe e, ao mesmo tempo, me provoca.

Obrigado, Orion, por escrever assim — com coragem, com beleza e com verdade. Que sua tese siga tecendo caminhos e tocando outras vidas como tocou a minha. Vou continuar lendo... essas foram minhas primeiras impressões, vou mergulhar nesse mar de fios que a cada mirada me toca com uma nova onda.

Com carinho e admiração,
Eurico (15/abril/2025)

Diante dessa escrita tão encarnada e cheia de sentimentos e expressões do vivido, demonstra um mergulho em si, como no outro, gerando um poder de formação que emancipa consciências e entrecorta o sujeito de mil e uma formas com afetações, sensibilidade e emoção.

Quando diz: “Leio sua tese como quem acompanha um fio que se estende do coração à palavra.” não está apenas descrevendo uma leitura, mas está se colocando dentro da escrita de Orion. O fio que ele menciona não é apenas metáfora poética; é um gesto de escuta sensível, um fio de memória, de afeto, que costura o que se lê ao que se vive. Aqui, ele já nos convida a pensar com Benjamin (2012), quando dizia que a narrativa verdadeira nasce do prazer em contar e ouvir histórias — histórias que trazem consigo a experiência de quem narra.

Esse fio que sai do coração até a palavra é uma forma de narrar com o corpo inteiro, com aquilo que afeta e que é afetado. Eurico não está descrevendo um dado de pesquisa; ele está vivendo uma experiência formativa. Aí está a primeira chave dessa carta: afeto, como caminho de conhecimento. Logo depois, Eurico nos oferece outro gesto potente: “Confesso que me demorei nas suas palavras como quem repousa num lugar fértil.”

Essa demora, em tempos de academia acelerada, é um ato político. Parar, repousar, sentir. Ele não se apressa em entender, mas se permite sentir primeiro. Isso nos remete a Jorge Larrosa (2022, p. 25), quando ele afirma que “a experiência exige tempo para ser vivida, tempo para ser pensada, tempo para ser contada”. Eurico, aqui, não faz uma leitura técnica, mas uma leitura-delírio, no melhor sentido benjaminiano — uma leitura que se deixa levar, que caminha junto.

Quando Eurico fala da “costura viva” entre vida e teoria, docência e escuta, experiência e linguagem, ele está nos mostrando que a formação docente não se dá por manual, mas por entrelaçamentos que são únicos e sensíveis. É, nesse ponto, que a carta ganha, ainda, mais força formativa: ela não informa, ela forma pela partilha. E, então, Eurico escreve o que consideramos ser o centro da carta: “Professor, pesquisador e narrador. Essa composição não é apenas uma definição conceitual, mas uma posição ética, política e sensível diante do mundo.”

Nesse instante, ele nos apresenta a tríade que não deveria ser exceção na formação docente, mas, ainda, é. A docência como práxis, em que ensinar, pesquisar e narrar não são funções compartimentadas, mas dimensões de um mesmo ser que pensa, sente e age. Paulo Freire, se lesse essa carta, diria que Eurico está exercendo o verdadeiro “pronunciar do mundo”, o verbo em ação, no qual ensinar é um gesto de comunhão e transformação.

Eurico se expõe, se deixa ver, e, fecha a carta, dizendo que se reconheceu nos “pedaços que também me habitam”. Essa expressão nos fala de um processo de autoformação (Josso, 2010), em que a leitura do outro se converte em espelho para si, mas um espelho que não reflete imagens prontas — reflete o movimento de quem está se formando em cada narrativa, em cada encontro.

O que o professor Eurico faz, na escrita de sua carta, é um movimento enriquecedor que encanta quem lê e extrapola as esferas do dito, porque mexe com o corpo e provoca estados de ânimos diversos, afeta o sujeito e desestabiliza as suas estruturas de pensamento,

recriando outros mundos possíveis pela narração que desperta imaginação, criação e reinvenções. Pela linguagem da sua escrita pessoal e reflexiva, expressa o seu talento narrativo, como quem tece de forma artesanal uma arte na composição de histórias e memórias com inventividade e genialidade. Essas reflexões nos remetem ao pensamento de Walter Benjamin (2012), em *O narrador*, a quem tanto defendeu a arte de criar e contar histórias no cotidiano, como uma prática sociocultural formativa em que as pessoas possam se deleitar e viver a intensidade da experiência vivida com paixão e se deixando tocar e afetar, se contrapondo, assim, a toda e qualquer forma de imposições e controles capitalistas forjados pela sociedade.

A carta acima, escrita pelo professor Eurico, é um verdadeiro ato de humanidade, beleza e encantamento, representado em palavras, nas quais se expõe as sensibilidades, revela emoções e se constitui de um teor reflexivo de grande potencial para pensarmos outros modos de vida e interpretação do vivido, pensado e refletido em contextos de formação, aprendizagem e autoconhecimento.

É difícil expressar, por escrito, a grandeza e a riqueza de um modo de dizer de si com o outro, que envolve, enobrece e afeta de múltiplas formas em um ato de tocar e se deixar atravessar tão sensivelmente, como fez o professor Eurico em sua carta a Orion.

Acreditamos que a escrita narrativa tem essa capacidade: de desabrochar, no sujeito, sensibilidades, disparar memórias afetivas e provocar estados de ser, sentir, pensar e viver emoções, aprendizados e conhecimentos entre outros diversos modos, com os quais se compõe no ato de escrever, pensar, ler e refletir as experiências vividas em profunda sintonia consigo, o mundo, os outros e os acontecimentos.

Em vista dos aspectos que permeiam o processo de compreensão e interpretação das fontes de pesquisa, no âmbito da abordagem narrativa com a presença das dimensões da emocionalidade e afetividade que tanto agregam valor a essa corrente e a constitui como uma base epistemológica científica diferente de outras, é válido salientar que:

No trabalho biográfico, antes mesmo de abordar as ideias que estruturam nossa compreensão de nós mesmos, dos outros, dos acontecimentos que temos de viver, é preciso ressaltar as sensibilidades subjacentes aos nossos julgamentos e às nossas reações (aqui há uma ligação particular entre o ser do sensível, o ser das emoções e o ser da afetividade). (Josso, 2010, p. 76)

A educação, a ciência e a formação de professores(as) precisam se munir de dimensões de humanização e reflexividade que sejam nutridas pelos afetos, sensibilidades e

emoções, de modo que a vida das pessoas seja visibilizada, valorizada e levada em consideração em toda a sua inteireza, beleza e com a simplicidade que se apresenta, se transmutando em modos diversos de ser, pensar, viver, fazer e saber. Por isso, o uso e a primazia pelas abordagens narrativas e autobiográficas em situações de ensino, pesquisa e formação docente pelos quais utilizamos, como dispositivos metodológicos, nessas interfaces, abrilhantam nossos percursos de vida pesquisa e formação e contribuem de forma, potencialmente, significativa e valorosa, para dimensionar e refletir outros modos de existência e possibilidades de produzir conhecimentos, formação, aprendizagem e na tessitura de saberes outros legítimos, democráticos e emancipatórios em suas diferentes perspectivas, intensidades e dimensões.

Como a escrita dessa carta, empreendida pelo professor Eurico, foi antecedida por diálogos outros tecidos com o professor Orion, isso provocou inúmeras possibilidades de pensar o vivido e a forma de materializar o seu pensamento, o que resultou nesse modo de dizer e expressar o conjunto de sensações e estados de ânimo que lhe permearam, no ato de escrever esse dispositivo, para, depois, compartilhar. Essa temporalidade entre o antes (passado), o contexto atual (presente) e as expectativas (futuro), é bem destacada por Paul Ricoeur (2010, p. 138), quando reforça que “o que é re-significado pela narrativa é o que já foi pré-significado no nível do agir humano”, razão pela qual as reflexões saltaram do plano das ideias para se compor em algo mais concreto e palpável, como a escrita narrativa da carta que a resultou.

Já, no que se refere à carta narrativa escrita pelo professor Orion, em retorno ao professor Eurico, traz reflexões que perpassam, tanto ao modo como se sente afetado ao ler a escrita narrativa no gênero epistolar recebido, evidenciando aspectos formativos e de aprendizagem, quanto demonstra sensibilidades e emoções em uma entrega de modo muito pessoal as suas reflexões. De maneira mais precisa, apresentamos a sua carta a seguir:

Querido Eurico!

Me demorei um pouco a te retornar, pois fui vivendo vagarosamente em todo esse movimento entre receber a sua carta narrativa, ler e reler, e me deleitar para tirar lições e aprendizados, e o que é melhor, me deixar tocar e envolver com a preciosidade com que você faz nessa escrita tão linda, potente e cheia de vida.

O seu gesto de ler a minha tese, ser atravessado por alguns conceitos e discussões, bem como me dar o feedback diante disso tudo me chamou bastante a atenção: me deu a ver o qual sensível e afetuoso és nas conversas, no retorno e na escrita de uma carta exclusivamente para trocarmos figurinhas

sobre o que pensa cada um da leitura que fez da tese do outro, esse foi um gesto, absolutamente admirável da sua parte e de ser bastante apreciado o qual despertou mais ainda a minha admiração a você como pessoa, professor, narrador e pesquisador.

Vejo que sua tese, em muitas partes que li, provoca significativas reflexões no campo da docência e formação de professores, com a presença do componente interpretativo e compreensivo das narrativas de quem contigo partilhou a sua experiência, ficou muito legal esses modos de ver, em diferentes temporalidades, o curso pesquisado, as pessoas e os deslocamentos gerados em momentos diversos da existência do curso.

O que mais me tocou e chamou a atenção do seu texto de tese, foi a metáfora da costura. Nossa, você apresenta com maestria a maneira como vai alinhando, entrelaçando cada fio e costurando os tecidos, que se formam os tópicos e seções do seu texto, em diferentes dimensões e perspectivas. E o faz ainda mostrando os desafios e dificuldades desse processo, que no âmbito de seu trabalho retratou detalhadamente cada situação com a qual se constitui os temas dos tópicos e seções, tal qual parecido com uma colcha de retalhos.

Me vi em muitas partes no seu trabalho de tese doutoral, e considero que a ideia de colcha de retalhos como uma metáfora que adotou para refletir como se constrói os conhecimentos e se revelam as experiências dos sujeitos que fazem parte da educação profissional e tecnológica deu muito certo na sua composição. Eu também uso a metáfora dos fios de Ariadne no âmbito da mitologia grega para retratar os caminhos trilhados no início da docência e se tece em meio aos desafios e dificuldades encontradas nas trilhas da formação e profissão.

Parabéns pela sua sensibilidade e o encantamento de como pensa a ideia de um tecido, e o transformando de forma potente e bem-feito, na construção da ciência, conhecimento e formação que fora despertado na tessitura do seu texto de tese.

Espero poder ampliar outros leques de possibilidades e reflexões sobre o que temos feito de pesquisa formação com as abordagens narrativas e autobiográficas no campo da educação, mas, sobretudo, em contexto de formação de professores e transformação de vidas no mundo em que vivemos. Se eu conseguir essa dádiva, algumas vezes, estarei na esperança de que dias melhores estão por vir para mim, para você, para nós.

Espero ter mais diálogos com você e quem sabe ainda também através de cartas, pois esta que você me escreveu mexeu muito com minhas emoções, me atravessou de forma bastante afetuosa e me fez ver outros modos de aprender, conhecer e partilhar um pouco dos saberes construídos por cada um, em função dos acontecimentos pelos quais suscitou em nós. Viva. Um forte abraço carinhoso e seguimos em diálogo.

Caxias-MA,
Orion (30/julho/2025).

Orion começa sua carta com um verbo que já revela a disposição de quem se entrega ao tempo da experiência: “Me demorei um pouco a te retornar”. Não é um pedido de desculpas, é uma afirmação de escolha. Ele está nos dizendo que precisou viver, sentir e

ruminar o impacto da carta de Eurico, antes de escrever de volta. E isso, em um mundo que exige respostas rápidas e objetivas, é um ato de resistência formativa.

Essa demora em responder é uma das primeiras marcas da formação, como tempo ético, como nos lembra Larrosa (2022): a experiência educativa não se mede em resultados imediatos, mas no tempo que o sujeito precisa para se deixar afetar, para ser atravessado e transformar o deslocamento em palavra. Quando Orion afirma: “me deixar tocar e envolver com a preciosidade com que você faz nessa escrita tão linda, potente e cheia de vida”, ele está reconhecendo a carta de Eurico como um presente formativo. Ele não está apenas reagindo a uma crítica ou análise da tese, está acolhendo um gesto de humanidade, de generosidade epistolar. Aqui, Orion nos mostra que o *feedback*, quando permeado pela afetividade, deixa de ser uma formalidade acadêmica e se torna um encontro de humanidades.

Logo em seguida, ele valoriza o gesto de Eurico de “trocar figurinhas”, expressão que carrega uma simplicidade cotidiana, mas que, nesse contexto, se torna uma metáfora para a construção coletiva de saberes. Essa imagem de “troca de figurinhas” nos faz pensar em Freire (2013), quando fala do diálogo, como encontro amoroso entre sujeitos que se reconhecem no outro e com o outro constroem sentidos para o mundo.

Quando Orion retoma a metáfora da costura, ele não o faz apenas como elogio estilístico. Ao dizer: “Nossa, você apresenta com maestria a maneira como vai alinhando, entrelaçando cada fio e costurando os tecidos”, ele está reconhecendo que Eurico não escreve, a partir de blocos de conteúdo, mas de tramas, de entrelaçamentos vivos entre teoria, experiência, docência e vida. Essa leitura da costura nos remete à ideia de colcha de retalhos, como epistemologia do vivido, um conceito que se aproxima das defesas de Josso (2010) sobre as histórias de vida, como costura de tempos, lugares e experiências que formam o sujeito.

Orion, ao se reconhecer nos “fios de Ariadne”, nos traz mais uma metáfora. Ele está nos dizendo que a docência, para ele, é um labirinto, onde se anda tateando, criando fios, às vezes, perdendo-os, às vezes, retomando-os. É um trabalho artesanal e afetivo, que só se faz no gesto de lançar-se ao percurso e confiar nos laços que se constroem com os outros. Mas, é no trecho: “Espero poder ampliar outros leques de possibilidades e reflexões sobre o que temos feito de *pesquisaformação* com as abordagens narrativas e autobiográficas no campo

da educação, mas, sobretudo, em contexto de formação de professores e transformação de vidas no mundo em que vivemos”, que Orion nos mostra a dimensão política desse diálogo. Ele não está apenas falando de si e de Eurico, mas está propondo que esse gesto — a carta como prática formativa — se multiplique, se expanda, se converta em metodologia para a formação docente, para a construção de uma ciência mais sensível e humanizada.

Orion não fecha sua carta, ele a deixa aberta, como quem estende a mão e diz: “seguimos em diálogo”. E, aqui, está o grande gesto formativo dessa carta: ela não se encerra, ela se projeta no futuro, ela deseja continuidade. Isso está em total consonância com a ideia de formação permanente defendida por Passeggi (2021), para quem narrar-se e narrar o outro é um processo contínuo de (trans)formação.

Essa carta, portanto, não é um simples agradecimento. É um ato formador. Orion, ao responder Eurico, reafirma a carta, como dispositivo pedagógico que não apenas comunica, mas transforma — a si e ao outro. Ele nos mostra que a escrita narrativa, quando feita de afeto, escuta e coragem, tem a potência de fazer da formação docente uma travessia compartilhada.

Como expressei acima, a carta do professor Orion reflete vários pontos que se ligam ao seu diálogo, em retorno ao professor Eurico, elucidando seus atravessamentos no plano dos afetos, como, também, revela outros saberes e conhecimentos que se entrelaçam, como um processo de autoformação, sensibilidades e afetações. Trata-se de um movimento que se dá entre se perceber, despertado pelo outro, em uma busca permanente de reconstrução da experiência pessoal, como também dos contextos acadêmicos, socioculturais, afetivos e de outras interfaces vividos em múltiplos modos de expressão da existência humana.

Esse diálogo da experiência vivida e narrada entre as pessoas, em situação de formação, está bem articulado à proposição de Dilthey (2010), ao situar que aquilo que é revivenciado pelo sujeito, pela linguagem que o constitui como um ser histórico, sociocultural e se dá no ato de compreender a si, o outro, o meio e a sua realidade. O que se aproxima, em muito, da assertiva de Bragança (2012, p. 121), ao elucidar que “a narrativa possibilita a expressão da experiência vivida pelo sujeito, ao mesmo tempo que a transforma na comunicação intersubjetiva do diálogo; ao ser dita, a experiência se transforma em seus sentidos”.

Esse processo de dar a ler ao outro o que se pensa, escreve e tece, narrativamente, na formação docente e profissional, torna-se crucial e cria elementos outros que potencializam o ser pessoa, mas também endossam a profissionalização com mecanismos mais refinados, amplos e plurais para situar o sujeito em diálogo consigo, o mundo, os outros e os acontecimentos que lhes atravessam e o afetam de diferentes formas e intensidades.

Nesse sentido, a carta pode ser concebida como um dispositivo potencial em que emergem outros tantos modos de dizer de si, do outro, dos acontecimentos, afetos e experiências vividas pelo sujeito em uma linguagem pessoal e com uma maior abertura e disponibilidade para se expor. Trata-se, assim, do fato de que “o fazer narrativo re-significa o mundo em sua dimensão temporal, na medida em que narrar, recitar, é refazer a ação conforme a instigação do poema” (Ricoeur, 2010, p. 138).

É narrando a própria experiência que passamos a ter consciência dos nossos pertencimentos, como também de nos entender, e compreender a realidade à nossa volta, com todas as sinuosidades e modos de ser e habitar o mundo.

E é, justamente, nesse movimento de en(tre)laçar os fios das memórias e narrativas escritas e compartilhadas entre as pessoas de forma recíproca, que ampliam as visões de mundo de cada um, que há condições de aproximar realidades e entendimentos, provocando estados de ânimo diversos, com a capacidade de construir outros tantos conhecimentos, saberes e aprendizagens. Isso condiz com a riqueza e a potencialidade do processo de narrar:

[...] para vermos até que ponto ainda somos capazes de nos falarmos, de colocar em comum o que pensamos ou o que nos faz pensar, de elaborar com outros o sentido ou a ausência de sentido do que nos acontece, de tratar de escutar o que ainda não compreendemos (Larrosa, 2022, p. 71)

Como se trata de um diálogo entre pares, feito, por meio da escrita narrativa de cartas, cabe pensar, por esse prisma, bem como nos lembra a proposta da educação dialógica, cunhada por Paulo Freire, em que os sujeitos pronunciam a sua palavra mediatizada pelo mundo e pelas experiências diversas, as quais vivenciam em sua existência e o que lhes acontece, se deixando transformar e modificar outras tantas realidades à sua volta. Como bem pronuncia o educador, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2013, p. 109). Então, o diálogo estabelecido entre os dois professores, que foi tecido entre cartas, em que cada um pode revelar diversas facetas do seu mundo existencial, expresso em uma

linguagem que foi constituindo as suas realidades pelas escritas narrativas, dando vida e significado à existência humana.

A escrita narrativa, na carta acima apresentada, diz, ainda, sobre muitos lugares habitados por quem narra: como professor, narrador, pesquisador, mas, sobretudo, como ser humano que se deixa afetar e se deleitar com a história e a narrativa do outro, porque é capaz de viver outros estados de ser, pensar, sentir e viver a realidade em uma relação alteritária e, em coletivo, em uma partilha recíproca de saberes, conhecimentos e sentimentos diversos que se revelam/revelaram na narração.

As duas cartas narrativas são povoadas de sentidos diversos que coexistem em sintonia uma com a outra, fruto do profícuo e potente diálogo estabelecido entre os dois professores em situação de formação continuada na docência universitária. São escritas que expressam uma linguagem afetiva, partilham saberes e conhecimentos da educação, formação humana e profissional, revelam a experiência vivida dos sujeitos, dizem dos modos de pensar a si e o outro e o que cada um aprendeu, ao longo das itinerâncias trilhadas em seus percursos formativos e existenciais, que se constituem em um verdadeiro ato de cuidado, humanidade e sabedoria entre os pares.

A escrita narrativa tem esse poder: de tocar, afetar e transformar o sujeito, a sua realidade e os seus modos de pensar, ser, fazer e saber, em uma pluralidade de situações que atravessam seus estados de ânimo e os conduzem a outros percursos a trilhar, cada vez mais ressignificados em vista da reconstrução da experiência vivida e que está a se descortinar em novos horizontes de possibilidades de vida, pesquisa, aprendizagem e formação.

Compreender a carta narrativa, a partir da perspectiva de Amaral e Dorneles (2022), é reconhecer que escrever cartas não é apenas um gesto de comunicação, mas um movimento profundo de existência, escuta e formação. Ao entrelaçarem palavra falada e palavra escrita, as cartas narrativas emergem, como dispositivos que tensionam as fronteiras entre vida e pesquisa, teoria e prática, oralidade e textualidade, transformando-se em registros sensíveis das experiências cotidianas e dos saberes que se constroem nos espaços educativos.

Nesse sentido, as cartas narrativas não se configuram como um gênero textual fixo, mas como uma conversa escrita que se recusa a aceitar a rigidez dos registros burocráticos e das narrativas técnicas que esvaziam a voz dos sujeitos. Ao contrário, a carta narrativa reabre o espaço da escuta e da palavra-autoria, permitindo que professoras e professores escrevam

sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, em uma tessitura que mobiliza memória, afeto e saberes em movimento.

As cartas narrativas cumprem, portanto, múltiplas funções: como dispositivo metodológico, atuam na investigação narrativa, resgatando as singularidades do cotidiano escolar e transformando a escrita em um ato de pesquisa sobre a vida vivida; como documento de memória e autoria, inscrevem a prática docente em um lugar de reconhecimento, possibilitando que os professores sejam vistos e ouvidos, como produtores de saberes legítimos e não como meros replicadores de teorias externas; como conversa-escrita, instauram pausas necessárias no tempo acelerado das instituições, abrindo brechas para que a palavra encontre um lugar de acolhimento e reinvenção; e, como ato político e epistemológico, resistem às formas de silenciamento impostas à docência, afirmando a importância de documentar e refletir as práticas educativas, a partir das experiências vividas.

A carta narrativa, ao ser tecida com essas múltiplas dimensões — epistemológica, estética, política e formativa —, torna-se um potente instrumento de autoformação e heteroformação. Ela convida os sujeitos a narrar o que vivem, mas, sobretudo, a repensar suas existências, a partir do que foi narrado, em um processo circular de escuta, escrita e leitura de si com o outro. É uma escrita que não busca verdades absolutas, mas sentidos plurais, que se movem nas tramas da experiência e que transformam o ato de escrever em um gesto ético de (re)construção de si e do mundo.

Considerações Finais

O desenvolvimento desta pesquisa narrativa revelou como a escrita de cartas traz um modo peculiar de dizer de si, do outro e dos entendimentos que o sujeito está construindo, fruto de uma realidade, a qual torna-se mais reveladora de personalidades, como viabiliza a tessitura de outros tantos saberes e conhecimentos em um dado contexto, tempo e situação.

A escrita de cartas, portanto, trata-se de uma escrita reflexiva que expõe o sujeito em uma revelação pessoal, dando mais abertura e ampliação de horizontes em situação dialógica, e, justamente, por assim o fazer, se constitui de riquezas e potencialidades, no contexto da formação de professores, com a acentuada primazia pelo sensível, que toca, emociona e entrecorta corpo, mente, espírito e coração de quem escreve, narrativamente, mas também de quem lê ou se apropria das histórias e memórias narradas.

A pesquisa desbravou, ainda, que as cartas podem ser meios privilegiados de tomadas de consciência de si e do outro, como do mundo à sua volta e dos acontecimentos trilhados por cada pessoa em seus percursos existenciais, dando materialidade às experiências do vivido.

Escrever cartas no âmbito do Ensino Superior entre docentes, é verdadeiramente um singelo ato de humanização, de se permitir e autorizar-se a pronunciar a sua palavra com a abertura e disponibilidade ao outro que se efetua em profunda riqueza e sensibilidade, instaurando-se como um modo privilegiado e de inestimável potencialidade em que é possível dar sentido à vida, à pesquisa e à formação.

Inscrita sob a lógica de uma pesquisa nutrida com as ciências da vida, que envolve o componente da subjetividade humana e a valorização das experiências vividas pelos sujeitos, em seus contextos existenciais e formativos, as pesquisas narrativas tecem um conjunto significativo de potências criativas, criadoras e engenhosas para a ciência e o conhecimento na sociedade em que vivemos. E é, justamente, essa capacidade engenhosa revelada em sua tessitura, na qual traz um alento, encanto e emoção de viver, fazê-la e ir, aos poucos, desbravando um mundo de possibilidades que vai se descortinando sempre em revelação de outras vias de formação, aprendizagem e conhecimento permanente em busca de dias melhores e novos sentidos da existência humana.

Referências

AMARAL, Débora Medeiros; DORNELES, Aline. Cartas narrativas sobre cotidianos escolares: movimentos de palavras faladas e palavras escritas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 7, n. 22, p. 869-884, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/rbpab/article/view/15106/10809> . Acesso em: 04 ago. 2025.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698> . Acesso em: 08 abr. 2025.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Trad. Marco Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.e

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MORAIS, Joelson de Sousa. Tecer com afeto, sensibilidade e emoção: a pesquisa narrativa autobiográfica em educação. IMAGENS & PALAVRAS • **Educação & Sociedade**. 46 • 2025 • <https://doi.org/10.1590/ES.285316> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LQCXPxcX3K6pYk9cHcJdskp/?lang=pt> . Acesso em: 01 ago. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar.| 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/8018/5528> . Acesso em: 02 ago. 2025.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 3. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Nota

¹ O *WhatsApp*, ferramenta de comunicação, foi apropriado, neste estudo, como um espaço expandido de formação, rompendo as fronteiras físicas da sala de aula e possibilitando a continuidade dos diálogos formativos em uma ambiência digital de caráter cotidiano, acessível e imediata. Essa apropriação da plataforma configura-se, como expressão da hibridização entre o presencial e o digital nas práticas formativas contemporâneas, permitindo que as interações, reflexões e partilhas de saberes entre os docentes se prolonguem para além dos encontros presenciais institucionais, dando materialidade a uma formação contínua, situada nas experiências vividas, e mediada por dispositivos tecnológicos que potencializam a construção colaborativa de conhecimentos e afetos.

Sobre os autores

Joelson de Sousa Moraes

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pedagogo pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (FACEMA/2012). É Professor Adjunto do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/ Campus Codó-MA, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/UFMA, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE)/UFMA - Campus Imperatriz-MA e do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB)/UFMA-Campus Codó.

E-mail: joelson.moraes@ufma.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1893-1316>

João Rudá Meneses Macedo

Professor Adjunto A no curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó, Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Mestre em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Educação Especial e Inclusiva pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: joao.ruda@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9551-958X>

Recebido em: 09/08/2025

Aceito para publicação em: 24/08/2025